VOZES DA ÁFRICA

NOÉMIA DE SOUSA

SANGUE NEGRO

kapulana
editora

NOÉMIA DE SOUSA nasceu em 1926, em Catembe, vila no litoral sul de Moçambique, banhada pelo Oceano Índico, na baía de Maputo, em frente à capital de Moçambique. Faleceu em 2002, em Cascais, Portugal. Por sua influência nas gerações de poetas de Moçambique, ficou conhecida como "Mãe dos poetas moçambicanos". É autora de densa obra poética, que representa a resistência da mulher africana e luta do povo moçambicano por sua liberdade. Seu único livro, *Sangue Negro*, é composto por 46 poemas, escritos entre 1948 e 1951, que circularam na época em jornais como *O Brado Africano*. Em 2001, seus poemas foram reunidos no livro *Sangue Negro*, publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e, dez anos mais tarde, uma nova edição de *Sangue Negro* foi publicada pela editora moçambicana Marimbique. Em 2016, a Editora Kapulana publica a primeira edição brasileira de *Sangue Negro*, com os 46 poemas mais marcantes da literatura moçambicana.

VOZES DA ÁFRICA

NOÉMIA DE SOUSA

SANGUE NEGRO

kapulana

São Paulo
2016

Copyright © 2001 Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) – Moçambique
Copyright © 2011 Editora Marimbique – Moçambique
Copyright © 2016 Editora Kapulana Ltda. – Brasil

A editora optou por manter a ortografia original do texto, com inserção de notas explicativas sobre a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direção editorial:	Rosana Morais Weg
Consultoria de conteúdo:	Carmen Lucia Tindó Secco e Francisco Noa
Projeto gráfico e capa:	Amanda de Azevedo
Lettering:	Amanda de Azevedo
Ilustrações:	Mariana Fujisawa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sousa, Noémia de, 1926-2002.
Sangue negro / Noémia de Sousa. -- São Paulo : Editora Kapulana, 2016. -- (Série Vozes da África)

ISBN 978-85-68846-17-9

1. Literatura africana 2. Poesia moçambicana I. Título. II. Série.

16-07978 CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura moçambicana 869.1

2016

Reprodução proibida (Lei 9.610/98).
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Kapulana Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 414, 3º andar, CEP 05413-010, São Paulo, SP, Brasil.
editora@kapulana.com.br – www.kapulana.com.br

Apresentação 09

Prefácio

Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana
por Carmen Lucia Tindó Secco 11

Nossa voz

Nossa voz 26
Nossa irmã a lua 28
Súplica 30
Abri a porta, companheiros 32
Passe 34
Justificação 36

Biografia

Se me quiseres conhecer 40
Poema da infância distante 42
Shimani 46
Deixa passar o meu povo 48
Poema para um amor futuro 51
Poema 54
Se este poema fosse 56
Instantâneo 58

Munhuana. 1951

Porquê 62
Canção fraterna 63
Negra 65

Irmãozinho negro tem um papagaio de papel 67
Lição 69
Patrão 70
Magaíça 73
Zampungana 75
Cais 77
Moças das docas 79
Apelo 83
Samba 85
O homem morreu na terra do algodão 88
Dia a dia 90

Livro de João

Poema 94
Descobrimento 98
Carta 99
Grito 101
Um dia 103
Poema de João 105

Sangue negro

Poesia, não venhas! 112
Solidão 114
Poema para Rui de Noronha 116
Godido 119
Poema 122
A Billie Holiday, cantora 123
Poema a Jorge Amado 125
Bayete 128
Sangue negro 129

Dispersos

Quero conhecer-te África 134
19 de outubro 136
A Mulher que ria à Vida e à Morte 138

Notas finais

..... 140

Mensagens para Noémia – 2016

..... 145

Textos de edições anteriores

2000 — *Noémia de Sousa: a metafísica do grito*
por Francisco Noa 169

2001 — *A mãe dos poetas moçambicanos*
por Nelson Saúte 175

2001 — *Moçambique, lugar para a poesia*
por Fátima Mendonça 183

2011 — *O legado do amanhã*
por Nelson Saúte 195

Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana

CARMEN LUCIA TINDÓ SECCO
Professora Titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ensaísta e pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro)

Noémia de Sousa não é apenas uma grande dama da poesia moçambicana. É, também, uma grande dama da poesia africana em língua portuguesa, tendo em vista sua voz ardente ter ecoado por diversos espaços e compartilhado seu grito com outras vozes, em prol dos que lutaram e clamaram pela liberdade dos oprimidos, entre os anos 1940-1975, no contexto do colonialismo português.

Já não era sem tempo, no Brasil, a edição de *Sangue negro*, único livro escrito por Noémia. Praticamente desconhecida de grande parte dos leitores brasileiros, a autora, no entanto, nas décadas de 1940-1950, manteve, como jornalista, colaboração esparsa com a revista brasileira *Sul*, publicação que, nesse período, aproximou escritores e poetas do Brasil, entre os quais Marques Rebelo e Salim Miguel, de autores de Angola e de Moçambique, como António Jacinto e Augusto dos Santos Abranches, respectivamente. Além desses e de Noémia, outros escritores africanos também colaboraram na revista *Sul*: Glória de Sant'Anna, Viriato da Cruz, Luandino Vieira, Francisco José Tenreiro. Em *Cartas d'África e alguma poesia*, Salim Miguel reuniu algumas dessas missivas trocadas com escritores da África, em cujas páginas se detectam contundentes denúncias ao salazarismo.

A ligação de Noémia com o Brasil vem, por conseguinte, dessa época e se revela, ainda, em alguns poemas, nos quais a poetisa assinala não só sua breve passagem por terras brasileiras (cf. o poema "Samba", p. 85-87, cuja dedicatória ao amigo e fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel registra a noite de 19/11/1949 em que estiveram juntos no Brasil), mas também sua declarada admiração por Jorge Amado, que pode ser claramente observada nos versos a seguir:

[...]
As estrelas também são iguais
às que se acendem nas noites baianas
de mistério e macumba...
(Que importa, afinal, que as gentes sejam moçambicanas
ou brasileiras, brancas ou negras?)
Jorge Amado, vem!
Aqui, nesta povoação africana
o povo é o mesmo também
é irmão do povo marinheiro da Baía,
companheiro Jorge Amado,
amigo do povo, da justiça e da liberdade!
[...]
(SOUSA, "Poema a Jorge Amado", p. 125.)

Nos versos citados, o sangue pulsante nas veias do povo baiano carrega igual seiva africana, traz a memória amarga de negreiros que transportaram muitos escravos de lá, vindos para o Brasil à revelia. Há, na poesia de Noémia, uma emoção e uma musicalidade tão profundas, que atravessam tempos e espaços.

Nos jornais moçambicanos, entre 1948 e 1951, os poemas de Noémia de Sousa acenderam consciências, fizeram vibrar revoltas, dialogaram com o movimento da Negritude e com o Renascimento Negro do Harlem, entrecruzaram cadências melódicas e estribilhos de *blues*, *spirituals* e *jazz*, fazendo vir à tona a musicalidade africana reinventada.

No Brasil, tantos anos depois, na Feira Literária de Paraty, em julho de 2015, um poema de Noémia, intitulado "Súplica", ao ser lido pelo poeta pernambucano Marcelino Freire, provocou enorme comoção no público presente. Em agosto de 2015, Emicida, cantor brasileiro de *rap*, no SESC Pinheiros, em São Paulo, também declamou esse mesmo poema, comovendo os ouvintes que não conseguiram esconder o entusiasmo e a atração despertados. Por tudo isso, torna-se importante, no Brasil, ler e conhecer a vida e a obra de Noémia de Sousa, o que contribuirá, sobremaneira, para refazer, com a África, alguns laços ancestrais que uma história de dores e exílios esgarçou por tanto tempo.

Carolina Noémia Abranches de Sousa nasceu em 20 de setembro de 1926, em Catembe, em uma casa à beira-mar, banhada pelo Índico, no litoral de Moçambique; faleceu em 2002, em Cascais, em Portugal, levando consigo a mágoa de não ter sido convidada para a festa da independência de Moçambique pela qual tanto lutou em sua mocidade.

Noémia era mestiça, tanto por via paterna, como materna: seu pai, de procedência lusitana, afro-moçambicana e goesa, era originário da Ilha de Moçambique; sua mãe, filha de um caçador alemão e de uma mulher africana da etnia ronga, era do sul de Moçambique. Ela sempre se mostrou precoce; antes dos cinco anos, já lia, pois o pai, cedo, a iniciara no mundo das letras e a incentivara intelectualmente. Com a morte deste, quando ela tinha apenas 8 anos, as condições financeiras da família mudaram e, aos 16 anos, se viu obrigada a trabalhar para ajudar na educação dos irmãos. Entretanto, mesmo trabalhando, nunca deixou de procurar amigos que defendiam as letras, as artes e os ideais libertários, em Moçambique. As orientações recebidas do pai calaram-lhe fundo e a levaram a atuar politicamente junto a intelectuais que reivindicavam uma sociedade mais justa e humana.

Em 1948, Noémia publicou, no *Jornal da Mocidade Portuguesa*, em Moçambique, o poema "Canção Fraterna", cuja repercussão fez com que se aproximasse de um grupo revolucionário de jovens moçambicanos: João e Orlando Mendes, Ruy Guerra, Ricardo Rangel, Cassiano Caldas, José Craveirinha, entre outros. A combatividade poética e política de seus poemas, assinados com as iniciais N. S. ou com o pseudônimo literário Vera Micaia, acarretou à autora o exílio. Junto com João Mendes e Ricardo Rangel, foi presa por atacar, frontalmente, o sistema colonial português em Moçambique. Foi degredada para Portugal, tendo participado, em 1951, da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa; viajou pela América e, entre 1952 e 1972, foi deportada para Paris, continuando, como jornalista, poetisa e tradutora, sua luta a favor do nacionalismo e da libertação de Moçambique.

Noémia de Sousa inaugurou a cena literária feminina moçambicana, protestando contra as opressões sofridas pelas mulheres em Moçambique. Seus 46 poemas, escritos todos entre 1948 e 1951, circulavam em jornais da época, como *O Brado Africano*. Só em 2001, foram reunidos no livro *Sangue negro*, publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), com organização de Nelson Saúte, Francisco Noa e Fátima Mendonça. Noémia não queria seus poemas publicados em livro. Ela tinha consciência da dimensão de sua linguagem poética, capaz de disseminar a revolta por intermédio de poemas incendiários, passados, de mão em mão, de jornal em jornal (*O Brado Africano*, *Itinerário* etc.), de antologia em antologia (as editadas pela Casa dos Estudantes do Império, CEI, em 1951 e 1953; a *Poesia negra de expressão portuguesa*, organizada por Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro, em 1953; o *Boletim Mensagem*, de 1962; a antologia *No reino de Caliban*,

organizada por Manuel Ferreira em 3 volumes, em 1975, 1976 e 1988; a *Antologia temática de poesia africana*, de Mário Pinto de Andrade em 2 volumes, em 1975 e 1979; a *Antologia da nova poesia moçambicana*, organizada por Fátima Mendonça e Nelson Saúte, em 1993, entre outras).

Embora, para Noémia, um livro com seus poemas não fosse necessário à sua militância poética, para os estudiosos de sua poesia, as duas edições moçambicanas de *Sangue negro* – a de 2001, pela AEMO, e a de 2011, pela Editora Marimbique, de Nelson Saúte – foram importantíssimas, pois cumpriram a tarefa de consagração da primeira poetisa das letras de Moçambique, considerada por Zeca Afonso, compositor e cantor da "Grândula Morena", nas celebrações do 25 de Abril, "a mãe dos poetas moçambicanos". Mãe, por ser a primeira voz feminina da poesia moçambicana a embalar os poetas que a sucederam. Contudo, é como irmã, companheira de luta, que os sujeitos poéticos de grande parte dos poemas de *Sangue negro* se impõem. Irmã, filha de uma África violada e aviltada durante séculos, cujos filhos foram vítimas de muitas discriminações e crueldades. Irmã, que denuncia os dramas do continente africano.

A publicação de *Sangue negro*, no Brasil, amplia esse universo de sagração da autora, cuja voz atravessou *índicos de revolta e desespero*, levando seu brado contestador por outras terras e mares, sem se calar, mesmo no exílio, vivido até a morte, em 2002, em Portugal.

A edição brasileira mantém a mesma estrutura das edições moçambicanas anteriores, respeitando a divisão em seis seções: "Nossa Voz", "Biografia", "Munhuana 1951", "Livro de João", "Sangue Negro", "Dispersos".

A primeira seção funda a "poética da voz", a "*poiesis* do grito" que se quer rebelde e se expressa por poemas longos, caudalosos, feitos para serem declamados, dramatizadamente, de forma a traduzirem a indignação do sujeito lírico que, por meio de anáforas e gradações, não se cansa de gritar contra as injustiças sociais, denunciando a escravidão, os preconceitos em relação aos negros, a fome e a pobreza dos menos favorecidos.

A voz de Noémia não é apenas feminina; é, também, coletiva. É uma voz tutelar, fundadora da poesia moçambicana. É uma voz plural, prometeica, que, epicamente, assume uma heroicidade salvacionista, na medida em que se declara como a que iluminará e libertará os destinos dos irmãos africanos marginalizados. É evidente a postura redentora dos sujeitos poéticos, cuja missão é dar passagem ao

povo oprimido. São inúmeras as imagens que se relacionam a esse campo semântico: "trespassou", "passe", "abrir a porta". Tais metáforas dão abertura aos poemas da segunda seção, "Biografia", que tratam não apenas da urgência de ser recobrada a memória individual de Noémia, nascida na casa à beira-mar, em Catembe, mas, ainda, do imperativo de ser revigorada a memória ancestral dos povos negros moçambicanos e africanos, cujos hábitos, crenças, ritmos e histórias precisam ser preservados, assim como necessitam ser esconjuradas as lembranças sombrias de injúrias e atrocidades vividas ao longo de séculos de escravidão.

O poema "Deixa passar o meu povo", "*Let my people go*", se configura como movimento e ação para dentro e fora de Moçambique. É uma poética nervosa, tecida por afetos e emoções, que, pulsantes, revelam a revolta contra as discriminações vivenciadas não só pelos negros de África, porém, também, pelos africanos dispersos nas Américas e no mundo. Nesse sentido, a voz de Noémia se acumplicia à dos irmãos negros do Harlem, referência explícita ao Renascimento Negro, de Langston Hughes.

> Noite morna de Moçambique
> e sons longínquos de marimba chegam até mim
> – certos e constantes –
> vindos nem eu sei donde.
> Em minha casa de madeira e zinco,
> abro o rádio e deixo-me embalar...
> Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.
> E Robeson e Marian cantam para mim
> spirituals negros de Harlém.
> "Let my people go"
> – oh deixa passar o meu povo,
> deixa passar o meu povo –,
> dizem.
> [...]
>
> (Idem, "Deixa passar o meu povo", p. 48-49.)

No posfácio "Noémia de Sousa: a metafísica do grito", escrito por Francisco Noa, é sublinhado esse pendor para a emoção, recorrente na poesia de Noémia, em que são frequentes apóstrofes, cuja função é imprimir uma dicção emociona-

da aos versos. É uma emoção fremente, acelerada, que deixa à mostra o dilaceramento do sujeito poético, cuja insubordinação se manifesta não apenas no nível temático, mas, ainda, no campo da linguagem.

Os afetos na poética de Noémia vão da repulsa e do ódio ao amor e à esperança, da angústia e da solidão à indignação e à solidariedade, da vergonha e da humilhação à rebeldia e à coragem. A voz enunciatória prima por um derramamento de sentimentos que leva a mulher oprimida a buscar recuperar sua dignidade. Falando da margem, dos bairros periféricos de Lourenço Marques, antiga capital moçambicana no tempo colonial, o sujeito lírico feminino se rebela contra o abuso sofrido pelas moças das docas, encaradas como objetos sexuais pelos colonizadores, cuja posse empreendida não foi só da terra, porém, também, dos corpos dessas negras, tratadas, quase sempre, de forma exótica e subalterna.

> Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.
> Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,
> viemos do outro lado da cidade
> com nossos olhos espantados,
> nossas almas trancadas,
> nossos corpos submissos escancarados.
> [...]
>
> (Idem, "Moças das Docas", p. 79.)

Este poema faz parte da terceira seção do livro, intitulada "Munhuana 1951". Os espaços marginais aqui são eleitos como cenários de uma poesia que chama atenção para os subalternizados pelo regime colonial racista: as mulheres negras e pobres, prostituídas e humilhadas; os habitantes dos bairros de caniço, Munhuana, Mafalala, Xipamanine; os magaíças, serviçais explorados nas minas da África do Sul; os zampunganas, negros que recolhiam em baldes, à noite, as fezes dos patrões colonizadores; os escravos, em diáspora, que, obrigados a condições subumanas de trabalho, morreram em terras distantes.

Os poemas da quarta seção "Livro de João" constituem uma espécie de réquiem a João Mendes, seu irmão de luta, cuja vida deu à causa dos oprimidos de Moçambique e da África em geral:

[...]
Ah, roubaram-nos João,
mas João somos nós todos,
por isso João não nos abandonou...
E João não "era", "é" e "será",
porque João somos nós, nós somos multidão,
[...]

(Idem, "Poema de João", p. 108.)

João representa o companheiro político com quem Noémia partilhou ideais revolucionários. Os poemas desta seção choram a falta do amigo, mas rendem-lhe homenagem por ter sido o grande mentor intelectual, cujas lições de liberdade ficaram e continuaram a animar a poesia da autora.

A seguir, a quinta seção, "Sangue Negro", reúne composições poéticas de profunda recusa à opressão sofrida pelos negros. É o momento em que os sujeitos poéticos celebram o sangue negro, metáfora da ancestralidade africana reinventada e repensada por uma poesia lúcida que consegue dizer não a formas de imposição e autoritarismo:

Bates-me e ameaças-me,
Agora que levantei minha cabeça esclarecida
E gritei: "Basta!"
[...]
Condenas-me à escuridão eterna
Agora que minha alma de África se iluminou
E descobriu o ludíbrio...
E gritei, mil vezes gritei: "Basta!"

(Idem, "Poema", p. 122.)

Se a poesia de Noémia, por um lado, se pautou pelo grito de "basta" à exploração da mulher e à escravização dos negros em geral, por outro procurou afirmar traços da oralidade e da cultura popular de Moçambique, como também aspectos de valorização das raízes africanas em geral.

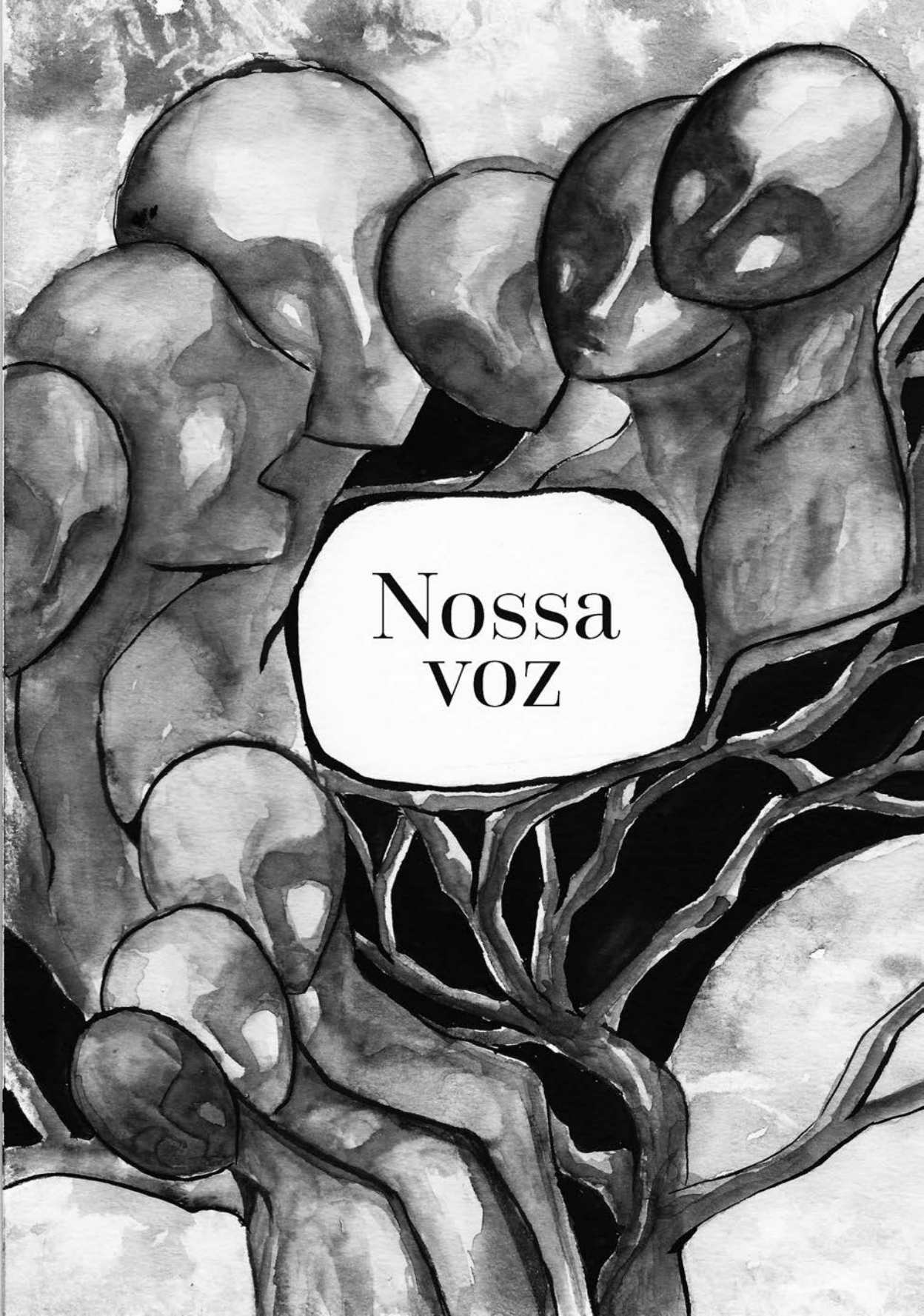
Os poemas da quinta seção, numa espécie de gradação, alcançam o clímax de suas reivindicações, celebrando a África e outras vozes que também bradaram pela liberdade: Billie Holiday, nascida em 1924 na Pensilvânia, a primeira gran-

de cantora de *jazz*, cujas letras das canções protestaram, com veemência, contra o preconceito racial e as desigualdades sofridas pelos negros americanos; Jorge Amado que defendeu o Brasil negro, descendente dos escravos vindos da África; Rui de Noronha, o poeta-precursor da poesia moçambicana.

O livro de Noémia de Sousa se fecha com a sexta seção, "Dispersos", em que se encontram os poemas: "Quero conhecer-te África", "19 de outubro", "A Mulher que ria à Vida e à Morte". Nessas três composições, fica expresso o compromisso de os sujeitos poéticos mergulharem num profundo conhecimento da África milenar, buscando recuperar a prática do culto aos antepassados, a crença de que é preciso continuar a batalha daqueles que deram a vida pelas causas libertárias, pois, segundo antigas religiosidades africanas, "para lá da curva, esperam os espíritos ancestrais".

Mesmo tendo vivido tantos anos fora de Moçambique, Noémia de Sousa se manteve viva na lembrança do povo moçambicano e seus poemas não se afastaram de suas origens africanas. Por isso, talvez, não tenha sido relegada ao silêncio, nem ao esquecimento, tendo sido aclamada "a mãe dos poetas moçambicanos". Agora, publicada no Brasil, sua voz continuará a ecoar, compartilhando com Jorge Amado, entre outros, as dores da memória de um passado escravo que ainda precisa ser exorcizado para, definitivamente, ser ultrapassado.

Rio de Janeiro, 26 de maio de 2016.


Nossa
voz

Súplica

Tirem-nos tudo,
mas deixem-nos a música!

Tirem-nos a terra em que nascemos,
onde crescemos
e onde descobrimos pela primeira vez
que o mundo é assim:
um tabuleiro de xadrez...

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a lua lírica do xingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota – humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,
tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
– mas não nos tirem a música!

Podem desterrar-nos,
levar-nos
para longes terras,
vender-nos como mercadoria,
acorrentar-nos
à terra, do sol à lua e da lua ao sol,
mas seremos sempre livres
se nos deixarem a música!

Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos.
e no nosso lamento escravo
estará a terra onde nascemos,
a luz do nosso sol,
a lua dos xingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão!

E tudo será novamente nosso,
ainda que cadeias nos pés
e azorrague no dorso...
E o nosso queixume
será uma libertação
derramada em nosso canto!
– Por isso pedimos,
de joelhos pedimos:
Tirem-nos tudo...
mas não nos tirem a vida,
não nos levem a música!

04/01/1949

Biografia

Deixa passar o meu povo

Para João Silva

Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
– certos e constantes –
vindos não sei eu donde.
Em minha casa de madeira e zinco,
abro e deixo-me embalar...
Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.

E Robeson e Marian cantam para mim
spirituals negros de Harlém.
"Let my people go"
– oh deixa passar o meu povo,
deixa passar o meu povo! –
dizem.
E eu abro os olhos e já não posso dormir.
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul
e não são doces vozes de embalo.
"Let my people go"!

Nervosamente,
eu sento-me à mesa e escrevo...
Dentro de mim,
deixa passar o meu povo,
"oh let my people go..."
E já não sou mais que instrumento

Notas finais

Bayete (baiete): saudação; reverência.

belekar (belecar): embalar a criança nas costas da mãe.

cacimba: nevoeiro, neblina; sobretudo na estação seca (abril-setembro), que seria a estação mais fresca.

cacimbada: v. cacimba.

canhoeiro: árvore que se encontra no sul de Moçambique e que dá um fruto chamado canhu, com o qual se faz um fermentado.

capulana: tecido colorido, muito comum em Moçambique, com o qual as mulheres enrolam o corpo. Hoje, a capulana é também usada para confeccionar vestidos, camisas e calças.

caril: de um modo geral, nome atribuído a uma variedade de molhos que acompanham arroz ou massa de milho (chima/xima) e que representam pratos típicos de Moçambique. O caril pode ter como base leite de coco ou de amendoim, e como mistura folhas de diferentes plantas, carne, peixe, camarão etc. Os mais famosos são o caril de frango e o de amendoim.

ARQUIVO KAPULANA 1983

Vila na baía de Maputo em frente à cidade-capital de Moçambique (Maputo).

MARIANA FUJISAWA, brasileira, é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Em 2014, estudou na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, capital de Moçambique. Mariana é artista plástica, ilustradora de livros e de outros projetos em diálogo interartístico. Seus estudos de literatura africana e sua vivência em Moçambique resultam em uma conversa criativa entre imagem e texto, que se faz presente nas ilustrações de obras de escritores moçambicanos da série "Vozes da África", da Editora Kapulana, como: *O regresso do morto - contos*, de Suleiman Cassamo, *Orgia dos loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa, e *Sangue negro*, de Noémia de Sousa.
Além disso, Mariana desenvolve projetos próprios de criação de textos ilustrados, em que faz uso de várias técnicas de desenho.

"A maior dádiva da minha vida este ano. Esta notícia do lançamento de *Sangue Negro* no Brasil. Da chegada de Noémia de Sousa em nossas terras. Ela que tanto amou a Bahia e os brasileiros. O povo daqui, e do mundo, por ela cuidado. E celebrado. A Mãe dos Poetas Moçambicanos finalmente vem nos pegar no colo. Na mão, no abraço, no afeto."

Marcelino Freire

Por que é que as acácias de repente
floriram flores de sangue?
Por que é que as noites já não são calmas e doces,
por que são agora carregadas de electricidade
e longas, longas?
Ah, por que é que os negros já não gemem,
noite fora,
Por que é que os negros gritam,
gritam à luz do dia?

Noémia de Sousa ("Porquê")

"Para nós, aquela voz serena, pausada, mas carregada de vida, corporizava o que então ansiávamos: a literatura como um fim. Compreendemos depois que ela já havia atingido a sua plenitude."

Ungulani Ba Ka Khosa

ISBN 978-85-68846-17-9
9 788568 846179